



**Gisele Batista Candido\***

**Para além do *curto voo do entendimento*:  
as experiências do pensamento no *Fausto* de Fernando Pessoa**

**Resumo:** A vasta e diversificada produção de Fernando Pessoa tem um apelo filosófico tal que seria possível vê-la figurar com pertinência entre os autores estudados no universo acadêmico da filosofia, de modo que as pesquisas nessa direção têm se multiplicado atualmente. Nesse sentido, o *Fausto* pessoano ocupa um lugar singular, porque revela de forma contundente como alguns embates enfrentados pela filosofia, sobretudo no seu exercício especulativo e esclarecedor, serão retomados e desenvolvidos pelo poeta português, abrindo caminho para os desdobramentos de sua poesia e das experiências de seu pensamento poético-filosófico singular. O presente artigo buscará investigar as experiências do pensamento elaboradas em *Fausto, tragédia subjetiva*, evidenciando sua originalidade.

**Palavras-chave:** estética; Pessoa; consciência; existência; Fausto.

**Abstract:** The various works of Fernando Pessoa have such a philosophical appeal that we can certainly look at it as part of the academic world of Philosophy, with a growing number of studies exploring this aspect more recently. In this sense, the pessoan *Fausto* occupies a unique place since it clearly shows how some of the key debates in Philosophy, especially in their speculative and clarifying dimensions, will be reconsidered and explored by the Portuguese poet, leading to the developments of his poetry and the experiences of his distinctive poetic-philosophical thought. The present article explores the thought experiments developed in *Fausto, tragédia subjetiva*, showing his originality.

**Keywords:** aesthetics; Pessoa; consciousness; existence; Fausto.

---

\* Concluiu a graduação e o mestrado em filosofia na Universidade Federal do Paraná, e o doutorado em filosofia na Universidade de São Paulo. Atualmente leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail para contato: giselebc@gmail.com.

Sou a maturidade de que René foi a adolescência. Não muda o gênero, senão a espécie; o mesmo virar-se da mente sobre si mesma, igual insatisfação.

PESSOA, F. *Barão de Teive – a educação do estoico*. p.27

I

A obra do poeta português Fernando Pessoa (1888 - 1935) dialoga frequentemente com a filosofia. O acervo filosófico que consta em sua biblioteca particular<sup>1</sup>, livros repletos de anotações e grifos, revela o interesse do autor por esse campo. Podemos constatar ainda a intensidade do seu envolvimento com a filosofia acompanhando os seus relatos e diários de leituras<sup>2</sup>, e também por meio de seus comentários e estudos sobre as obras de vários autores fundamentais da tradição filosófica<sup>3</sup>. Entretanto, é a pertinência filosófica de sua poesia e de seu pensamento poético-filosófico peculiar que revela seu vínculo mais íntimo e original com a filosofia.

Sabemos que Fernando Pessoa considerava-se “um poeta inspirado pela filosofia”<sup>4</sup>. Por meio de sua obra ele refletiu sobre o mundo, a filosofia e também sobre as experiências cultivadas em seus escritos; conduzindo o diálogo entre os discursos poético e filosófico por

<sup>1</sup>Atualmente os livros que compõem essa biblioteca encontram-se em grande parte disponíveis, digitalizados, no seguinte site: [//bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/bibParticular.htm](http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/bibParticular.htm) (consultado em 10/08/2018)

<sup>2</sup>Ao cursar o superior em Lisboa, Pessoa registra em uma espécie de diário suas leituras, várias de autores da filosofia. Com efeito, lemos, por exemplo, em seus relatos “Li a *History of Philosophy* de Weber, agora estou a estudar as escolas Jônicas e Eleática. Tenho de ver outras histórias, comparar e tirar notas. Fui à Baixa à noite; nada fora do vulgar. Tenho de ler mais poesia, de modo a neutralizar um pouco o efeito da filosofia pura.” PESSOA. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. São Paulo: A Girafa, 2006, p. 33. Em outros momentos, nesse mesmo *Escritos Autobiográficos*, ele escreve “Li um pouco de Rousseau (*Inégalité [parmi les hommes]*) (...) Tenho andado a ler a *Crítica da Razão Pura* na tradução francesa de Barni.” (p. 37) A lista de suas leituras filosóficas continua, com obras de autores como Schopenhauer (p. 51), Platão, Aristóteles (p.53), Heráclito (p. 55), entre outros.

<sup>3</sup>Em 1968 António Pina Coelho foi o responsável por estabelecer a primeira e, até agora, a mais celebre seleção de textos filosóficos escritos por Pessoa. Lançada em dois volumes pela editora Ática, a edição de *Textos Filosóficos de Fernando Pessoa* é composta sobretudo por escritos em prosa, em que Pessoa comenta e desenvolve estudos sobre proeminentes nomes da tradição filosófica. Com efeito, Pina Coelho escreve no prefácio dessa coletânea sobre a afinidade de Pessoa com a filosofia: “Entusiasma-o a filosofia antiga, o tatear dos primeiros passos de Tales, Anaximandro, Anaximenes, Pitágoras, Xenofanes, Heráclito, Parmenides, Empédocles, Anaxágoras, Demócrito, Sócrates e os malabarismos lógicos da sofística. Alimenta o gosto por Platão (nele inculcado pelos mestres da High School de Durban), que lê, comenta, glosa e refuta por vezes. (...) Lê também Aristóteles e, embora o queira transcender, por ele se deixa influenciar. Estuda as filosofias orientais e neo-platônicas; a filosofia dos Santos Padres; Santo Agostinho, Santo Tomás; estuda igualmente os filósofos árabes; Descartes, Leibniz, Pascal, os idealistas alemães, como Kant, Fichte, Schelling, Hegel; Espinosa; os vitalistas; Schopenhauer cujo ‘*Essai Sur le Libre Arbitre*’ (trad. Francesa) sublinha e anota abundantemente; Rousseau; Nietzsche; Vico; Spencer, Comte, Haeckel; Lewes; Drummond; Büchner; os compendistas Fouilleé, Cousin, Émile Boirac autor de ‘*Cours Élémentaire de Philosophie*’, cujas capas ele aproveita para fazer alguns apontamentos; os ingleses Bacon, Locke, Hobbes, Berkeley; etc., etc.” PESSOA. *Textos Filosóficos*. Lisboa: Editora Nova Ática, 2006. p. XV.

<sup>4</sup> PESSOA. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. São Paulo: A Girafa, 2006. p. 19.

uma via original. Tal aventura permitiu-lhe a criação de um universo próprio, com habitantes singulares<sup>5</sup> – heterônimos, semi-heterônimos, ortônimo, personagens e personalidades heteronímicas – e até mesmo a recriação da compreensão de si, a partir da convivência com essas presenças. É preciso, no entanto, salientar que esse universo original, capaz de expressar, refletir e sustentar perspectivas plurais e contundentes de mundo, não nasceu como mero resultado de elucubrações filosóficas, como se a consciência filosófica precedesse a criação poética e essa fosse apenas um objeto de exemplificação daquela. Conquanto admita ser *um poeta inspirado pela filosofia*, Pessoa imediatamente reitera: “não [ser] um filósofo com faculdades poéticas”<sup>6</sup>. O teor filosófico da obra pessoana está intimamente imbricado à dimensão poética de seu universo. Em outras palavras, a arquitetura das experiências do pensamento poético-filosófico de Pessoa só é possível graças ao solo poético que o sustenta.

Embora não seja um dos trabalhos mais investigados pelos estudiosos pessoanos, o *Fausto* escrito por Fernando Pessoa ocupa um lugar de destaque na forma como o exercício filosófico será assimilado e desenvolvido pelo poeta português.

O projeto de *Fausto* antecede o nascimento dos heterônimos e boa parte da obra de Pessoa (o poema mais antigo, datado, que o compõe é de 1908), no entanto, o poeta continuou a escrevê-lo ao longo de sua vida (o fragmento que apresenta a data mais tardia é de 1933). Os escritos relativos ao *Fausto* de Pessoa contam com distintas edições, todas póstumas. Diferentes entre si, essas edições apresentam não apenas ordenações variadas para os escritos, mas também fazem diferentes seleções do conjunto de fragmentos envolvidos nesse projeto pessoano inacabado.

José Gil escreve o seguinte sobre a intrincada relação entre *Fausto*, as especulações filosóficas e a pulsão poética em Pessoa:

Fausto é mau poeta porque é bom filósofo. E é bom filósofo porque leva às últimas consequências a negação filosófica da filosofia. Desponta aí (no Fausto) a poesia... ou morre aí a filosofia. Fausto seria a prova poética desta passagem, ou do percurso inverso (como dissemos): o da morte da poesia vampirizada pela filosofia. Porque todo Fausto não faz mais, afinal, do que mostrar como a preocupação (raciocinante e argumentadora) da metafísica absorve a infinita multiplicidade das sensações (que alimentam a poesia). (...) O pensamento filosófico que aparece no Fausto tem uma outra importância para a compreensão da obra de Pessoa: permite talvez entender o

<sup>5</sup>Na apresentação do livro *136 Pessoas de Pessoa* seus editores, Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, falam em 136 figuras mapeadas até então: “o conjunto aqui proposto de 136 figuras que surgem no espólio de Fernando Pessoa como autoras de textos ou com funções atribuídas poderá, naturalmente, ser ampliado por futuras pesquisas e novas descobertas.” PIZARRO e FERRARI, Apresentação de *136 Pessoas de Pessoa*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2017. p. 14.

<sup>6</sup>PESSOA. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. São Paulo: A Girafa, 2006. p. 19.

brusco corte que sofreram as intensas investigações filosóficas do autor, aí por volta de 1912 (data do nascimento dos heterônimos). Com efeito, os manuscritos filosóficos, que vão de notas de leitura a 'tratados', passando por reflexões avulso, ganham coerência vistos a partir do Fausto. Como se essa enorme actividade filosófica tivesse desembocado no pensamento de Fausto (com a aparência do sistema ou, pelo menos, com um núcleo sólido); e que, enfim, 'liberto' da metafísica (mas 'integrando-a' de diversas maneiras), o poeta heteronímico pudesse nascer.<sup>7</sup>

Em um texto intitulado *Associações Secretas*, Pessoa se refere a Goethe como o escritor da "maior obra da literatura moderna — o Fausto"<sup>8</sup>. Antes mesmo de expor essa sugestiva afirmação, o poeta português já arquitetava o seu *Fausto*. Além de suscitar admiração, a obra de Goethe também foi motivo de inspiração<sup>9</sup> para Pessoa, que privilegiou e levou ao limite em seu projeto a questão preliminar do moderno Fausto alemão. Sem um Mefistófeles para o tentar, o Fausto pessoano é completamente obcecado pela incompreensível falta de sentido da existência<sup>10</sup>. Nem o amor, nem Deus, nem os excessos ou engenho humano o seduzem; diferente do herói de Goethe, o Fausto português não aposta a sua alma, não vive a aventura do desafio, não é salvo pelo amor, mas se afasta de sua alma, aniquila a possibilidade do amor e até perde a vida para o vazio aberto pela ausência de um sentido fundamental para a existência. Seu único ganho com a perquirição desperta por esta obsessão será a perda de tudo diante da inconclusa conclusão de que no limite tudo é desconhecido e incompreensível, ou seja, um mistério inatingível.

De modos distintos os dois Faustos são conduzidos pela aspiração, pelo desassossego de um persistente querer que não elege um objeto definitivo como alvo de seu anseio. No primeiro, assumindo ao final a forma do amor, a aspiração<sup>11</sup> eleva o herói de

<sup>7</sup> GIL, J. *O Espaço Interior*. Lisboa: Editora Presença, 1994. p. 34.

<sup>8</sup> PESSOA, F. *Da República 1910 – 1935*. Lisboa: Ática, 1979. p. 132

<sup>9</sup> Por mais que esse estudo não tenha a intenção de analisar as pertinentes influências externas envolvidas na tessitura do Fausto pessoano, a presença de Goethe é tão patente que, a fim de situar algumas questões, introdutoriamente cumpre considerá-la.

<sup>10</sup> Embora não sejamos capazes de precisar a questão de Fausto através de alguma icônica passagem, é possível compreender seu sentido através de algumas menções. Na tragédia de Goethe o problema da limitação do saber é expresso sobretudo na forma como Fausto manifesta sua condição: "Ai de mim! Da filosofia/ Medicina, jurisprudência,/ E, mísero eu! da teologia,/ O estudo fiz, com máxima insistência./ Pobre simplório, aqui estou/ E sábio como dantes sou!/ De doutor tenho o nome e mestre em artes,/ E levo dez anos por estas partes,/ Pra cá e lá, aqui ou acolá/ Os meus discípulos pelo nariz./ E vejo-o, não sabemos nada!" GOETHE. *Fausto – Uma Tragédia, primeira parte*. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 63. Em outro momento ele fala sobre o valor de seu saber e do que este ignora: "O que se ignora é o que mais falta faz,/ E o que se sabe, bem algum nos traz." GOETHE. *Fausto – Uma Tragédia, primeira parte*. p. 117. Um pouco adiante ele reconhece aquilo que mais lhe pesa por ser desconhecido: "No início era o Sentido!/ Pesa a linha inicial com calma plena" GOETHE. *Fausto – Uma Tragédia, primeira parte*. p. 131. Mefistófeles, enfim, também se refere à ânsia de saber de Fausto, sugerindo que ela o mantém: "afastado sempre da aparência/ Dos seres só procura essência." GOETHE. *Fausto – Uma Tragédia, primeira parte*. p. 139.

<sup>11</sup> No momento em que Fausto está sendo levado para o céu, os anjos, que elevam sua alma, justificam sua salvação: "Quem aspirar, lutando, ao alvo,/ À redenção traremos." GOETHE. *Fausto – Uma Tragédia, segunda parte*. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 1041.

Goethe à salvação. No segundo, ao tomar a forma do saber insaciável, a aspiração do desolado Fausto pessoano o conduz à desconstrução de todo conhecimento e finalmente ao abismo da desconhecida morte.

Ao contrário do Fausto de Goethe que no limite busca uma solução e não uma resposta racional para aplacar a sua perquirição sobre o sentido da existência, o Fausto de Pessoa procura desesperadamente uma resposta compreensível para esta questão. O primeiro sabe que não vai encontrar uma resposta cognoscível, e por isso aceita o diabólico desafio de Mefistófeles. Já o segundo nem em si mesmo acredita, e por mais que saiba que não encontrará uma resposta, ele permanece à procura.

Se por um lado o quinhão do Fausto pessoano é negativo, por outro suas especulações abrem espaço para uma compreensão afirmativa da criação. Ocorre que diante da falta de um sentido definitivo para a existência, estamos livres e abertos às experiências de criação. Essa será inclusive a boa nova proclamada pelo Goethe pessoano<sup>12</sup>. Sim, a presença do escritor alemão é tão patente que, além de se mostrar na forma de inspiração e admiração, ele é também homenageado na figura de um dos personagens do fáustico drama lusitano.

Ainda que o projeto do *Fausto* anteceda o nascimento dos heterônimos e boa parte da obra de Pessoa, sabemos que ele continuou a trabalhar nesse escrito ao longo de sua vida. Composto por fragmentos inacabados, nem sempre coesos, algumas vezes repetitivos e sem indicação definitiva para uma ordenação possível, seu arranjo representa um desafio para seus organizadores<sup>13</sup>. Consubstancial com sua forma, as experiências do pensamento apresentado nessa tragédia também avançam por caminhos tortuosos. Como num mergulho elíptico rumo às profundezas desconhecidas, o percurso do pensamento em *Fausto* se aprofunda em espiral, indo da retenção à dissolução, sempre se voltando afinal à abertura. Acompanhamos, por exemplo, a questão acerca do sentido da existência ser exaustivamente explorada e retomada a partir de distintas dimensões, sem que se chegue a uma resposta definitiva.

---

<sup>12</sup> Nas palavras do autor; "Goethe:/ Do fundo da inconsciência/ Da alma sobriamente louca/ Tirei poesia e ciência/ E não pouca./ Maravilha do inconsciente!/ Em sonhos sonhos criei/ E o mundo atônito sente/ Como é belo o que lhe dei." PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991. p. 36.

<sup>13</sup> Os escritos relativos ao *Fausto* de Pessoa contam com distintas edições. Diferentes entre si, essas edições apresentam não apenas uma ordenação distinta para os escritos, mas também fazem diferentes seleções do conjunto de fragmentos envolvidos nesse projeto pessoano. Optamos aqui pela edição organizada por Teresa Sobral Cunha, intitulada *Fausto, tragédia subjetiva*.

Mais vívido do que calculado, Pessoa apresenta as experiências de seu pensamento respeitando o seu movimento original de aprofundamento<sup>14</sup>, sem limitá-lo apenas às conclusões depuradas ou suprimir as contradições e dúvidas que surgem no decorrer de seu desenvolvimento. Conforme Jakobson, “as supostas incoerências e contradições nos escritos poéticos teóricos de Pessoa refletem em realidade o “diálogo interno” do autor”<sup>15</sup>. Pessoa não é servo da precisão, diferente dos formalistas, ciosos com a exatidão de seus conceitos, ele é um poeta que habita a linguagem, experimentando-a como uma forma de vida em constante mutação. Indissociável das experiências expressas em sua obra, essa intimidade com a linguagem também compõe a originalidade de seu pensamento, que, sem ser limitado pela formalidade de certo rigor filosófico, pode se desenvolver no horizonte poético, levando adiante, inclusive, reflexões profundamente filosóficas.

Na filosofia frequentemente nos deparamos com estudos que são definidos como “teoria do conhecimento” ou epistemologia, estudos que tratam da natureza, das origens e da validade do conhecimento. Diante da questão da possibilidade do conhecimento, podemos observar abordagens que seguem distintos caminhos como, por exemplo, o Dogmatismo, Ceticismo, Relativismo ou Perspectivismo. Embora o *Fausto* de Pessoa possa envolver questões ligadas a essas possibilidades da filosofia, no limite, o teor do pensamento que encontramos nesse drama destoa dos mencionados caminhos possíveis. O que acompanhamos com o desenvolvimento de *Fausto* é uma desconstrução de qualquer possibilidade de conhecimento ou crença, mas também uma negação da dúvida e inclusive da própria descrença. Frente à experiência do Mistério nenhum desses caminhos é suficiente ou possível para o protagonista do escrito em questão.

A acuidade da consciência de Fausto o priva da divina ingenuidade necessária para crer, mas também reconhece a infertilidade e a insatisfação da suspensão na incerteza ou na luciferiana descrença<sup>16</sup>, sua deslocada condição é sintetizada pela sentença pronunciada

---

<sup>14</sup> Além de considerar o teor filosófico da escrita poética de Pessoa e sua dinâmica de aprofundamento, Jacinto Prado Coelho pertinentemente relaciona esta escrita com a consciência pessoana do mistério de existir. “A verdade é que tradicionalmente se reconhece que o poeta, o filósofo e o homem religioso têm um ponto de partida comum: o sentimento do mistério do existir, o desejo de transpor o relativo, de fender o tecido das aparências. Neste ponto de partida se radicam as vivências a que Pessoa deu expressão ritmada. Fruto, em larga medida, da reflexão, a sua poesia, entendamo-nos, enquanto se revela cerebral não nasce de uma fria inteligência discursiva, pois neste caso nem chegaria a ser poesia, mas sim de uma “inteligência de aprofundamento.”” COELHO, J. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*, São Paulo: Verbo – EDUSP, 1977. p. 14

<sup>15</sup> JAKOBSON. *Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 122

<sup>16</sup> Esse antagonismo entre luz e escuridão será desenvolvido por meio da emblemática relação entre Deus e Lúcifer, que também envolverá respectivamente o embate entre vida e intelecto. Benedito Nunes escreve sobre o impasse vivido por Fausto diante desse conflito: “O desejo de infinito, nesse Fausto inerte que se converteu em Sísifo, transmunda-se no desejo do Nada. A náusea, a angústia, o mal-estar da consciência não ajustada ao universo, porque se sente existindo sem razão para existir, assinalam os componentes de seu desespero

em um momento de desespero: “Acusa a luz, acusa a escuridão”.<sup>17</sup> Intensamente desassossegado, sem aceitar a luz e tampouco a escuridão, ele prova da mais pungente solidão, aquela do eterno estrangeiro, o deslocado que jamais encontrará acolhimento. Nesse horizonte o outro é algo totalmente estranho para Fausto, não obstante, ele também perde sua subjetividade, sua identidade, aquilo que o permitiria assumir alguma posição. “Quem sou? Não sei. Cego vou/ P’la noite sem mesmo a ver.../ Sou eu e habito o que sou/ Alheio ao meu próprio ser.”<sup>18</sup>

O que lhe assombra não é a inexistência de uma verdade, mas a certeza de que ela existe e é o Mistério. “Nem digam não, que o antigo cepticismo/ Chegou aqui. Dizer “Apenas sei/ Que nada sei” não é compreender/ Isto: que a verdade certa está/ Além do ser e do não ser, as duplas/ Formas de erro mais simples do pensar.”<sup>19</sup>

No início do primeiro ato, Fausto já manifestava o anseio de ultrapassar as concepções de ser e não ser. Aderindo ao fundo pensar, ele foi capaz de se desvencilhar dessas duas medidas, quando se deparou com o Mistério, que, para além de ser e não ser, é pura incompreensão. Considerando essa apreensão da incompreensão, a célebre frase socrática “Apenas sei que nada sei” poderia mostrar-se conveniente também em relação ao fáustico fundo pensar. Contudo, diferente da expectativa socrática que se apóia nessa negação para arquitetar o conhecimento, nosso protagonista submerge na negação para desarticular todo saber e trazer à tona o mistério de tudo. Ou seja, enquanto a socrática expectativa abre espaço para a dúvida e para a perquirição, a fáustica perspectiva paradoxalmente afirma a certeza abissal da incerteza do incompreensível Mistério. “Cheguei aqui./ Nem daqui sair quero, nem queria/ Aqui chegar. Mas aqui estou e fico./ Perdida ilusão, desilusão/ Tendo o sonho e o real por igualmente/ Falsos”<sup>20</sup>. Como consequência de tal desconstrução do conhecimento e ostentação da incompreensão, ilusão e desilusão, sonho e realidade não se opõem, mas surgem como aspirações envolvidas da mesma forma pelo Mistério. Presenciamos assim a consubstanciação absoluta do Mistério; vida e morte, bem e mal, seu enigma esmagador surgirá no limiar de tudo. Graças a esse caráter absoluto e peremptório, o mistério é visto por Fausto como a verdade velada: “a só verdade/ infinitamente inatingível./ (...) a verdade está além do concebível”<sup>21</sup>.

---

onívoro, imagem transtornada do impulso fáustico, incapaz de comprometer-se, e que temendo o risco da ação, não pode mais aliar-se nem a Deus nem ao Demônio.” NUNES. *O dorso do tigre*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969. p. 222.

<sup>17</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p. 34.

<sup>18</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p. 71.

<sup>19</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p. 161.

<sup>20</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p. 161.

<sup>21</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p. 163-162.

Encontramos, entre os escritos publicados como “textos filosóficos”, uma observação de Fernando Pessoa que cabe perfeitamente à dissolução do conhecimento e a experiência do desdobrar do pensamento expostos em Fausto: “O caminho da Filosofia não é do Conhecido para o Desconhecido, mas do Desconhecido no Conhecido para o Desconhecido em si mesmo.”<sup>22</sup>

Com efeito, Fausto frequentemente parte de noções conhecidas – como a de sujeito, objeto, o eu, o outro, verdade, realidade, existência, amor e até a própria noção de conhecimento – para revelar que no limite tudo é Mistério, inclusive o próprio pensamento que o conduz a essa inconclusa conclusão: “Tudo é mistério e o mistério é tudo./ (...) o próprio pensamento fundo/ Se ilude na desilusão falaz/ E no desiludir-se dele mesmo”<sup>23</sup>. O mistério surge como cerne irredutível de tudo, no entanto, esta experiência limite não revela nada, mas expõe a incognoscibilidade de tudo. Nosso protagonista, de certa forma, inverte o processo de redução. A redução dos fenômenos, ao contrário de dar a conhecer um expoente elucidativo-representativo, no limite, esbarra inevitavelmente no mistério, que é pura abertura, uma vez que sua condição incognoscível impede a solidificação de qualquer conhecimento.

Em nenhum momento Fausto conhece, define ou esclarece o Mistério, mas nem por isso ele deixa de se envolver, de mergulhar nele. Sem revelar ou expor o Mistério, através da reação de espanto, do horror de Fausto diante de abissal experiência, Pessoa magistralmente encontra uma forma de manifestá-lo mantendo-o oculto.

É por meio do exercício do fundo pensar de Fausto que acompanhamos o desdobrar dessa experiência do *Desconhecido em si mesmo*: o encontro com o Mistério. Tendo isso em vista, a proposta do presente artigo consiste em uma reflexão sobre o movimento desse fáustico fundo pensar, essa experiência de natureza filosófica cujo radical desdobramento só se faz possível no horizonte da arte.

## II

Embora a enigmática abertura do primeiro ato de *Fausto* revele, por um lado, um parentesco entre a vida e o pensar ao anunciar que, “tudo é símbolo e analogia!/ (...) Sombras de vida e pensamento”<sup>24</sup>, ou que tudo não passa de sombras<sup>25</sup> da “ilusão mãe

<sup>22</sup> “The path of Ph[ilosophy] is not from the Known to the Unknown, but from the Unknown in the Known to the Unknown in itself.” PESSOA. *Textos Filosóficos*. vol. I, Lisboa: Ed. Nova Ática, 2006. p. 20.

<sup>23</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.52.

<sup>24</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.5.

<sup>25</sup> À exemplo do microcosmo e macrocosmo mencionado no Fausto de Goethe, Pessoa parece reconhecer também uma sucessão crescente de mundos/dimensões, em que um microcosmo se mostrará, de certa forma,



desta ilusão”<sup>26</sup>, por outro lado o drama “representa a luta entre a Inteligência e a Vida”<sup>27</sup>. Será ao compartilhar o *Mistério*, como horizonte e destino, que a vida e o pensamento se aproximarão, ambos carentes de um sentido existencial cognoscível. Contudo, será também o Mistério que estará no cerne da tensão entre a vida e o pensar. Enquanto a vida ignora e se incorpora ao Mistério, o pensamento pretende entendê-lo para, quem sabe, controlá-lo. O pensamento não será capaz de decifrar esse impulso da vida, tampouco será capaz de esclarecer o Mistério.

A hipertrofia do pensamento e a consciência da limitação do entendimento, duas experiências cruciais em Fausto, não aludem, no entanto, apenas à derrota do intelecto diante da vida. Diretamente ligada à consciência de que o entendimento, no limite, é incapaz de dar conta da incompreensibilidade que envolve a existência, o pensamento é também responsável por conduzir Fausto ao incognoscível encontro com o Mistério.

Inaugurando a condição que provocará esse encontro, presenciamos Fausto atormentado por sua incapacidade para a vida e às voltas com o limite de seu pensar. Na ânsia de compreender e fundamentar a vida, ele acaba por distanciar-se desta, pois ao racionalizá-la tende a projetar nela a própria consciência, substituindo o fenômeno da vida pela experiência tecida por seu intelecto: “Qu’importa? Tudo é o mesmo. A mim, quer seja/ Manhã inda d’orvalho arrepiada,/ Dia, /ligeiro em sol, pesado em nuvens/ Ou tarde (...)/ Ou noite/ misteriosa/ e (...)/ Tudo, se nele penso, só me amarga/ E me angústia.”<sup>28</sup>

O pensamento hipertrofiado de Fausto não é capaz de entender a vida, nem permite que ele tenha a inconsciência necessária para vivê-la sem compreendê-la. Diante desse impasse criado pelo pensamento, antes de distanciar-se dele, nosso protagonista decide mergulhar de vez na experiência do pensar, elegendo-o como instrumento e, sobretudo, como objeto de experimentação. A ausência de direção, substancialidade, sentido ou fundamento, enfim, o vazio derivado dessa experiência radical do pensar que se

---

como reflexo de um macrocosmo: “Tudo transcende tudo” PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991. p.5. Contudo, em Pessoa essa relação será compreendida como uma sucessão inacabada, que, sem se conformar com a suficiência de uma realidade divina e última, se confronta invariavelmente com o Mistério, seja na dimensão incognoscível da existência de tudo, seja na negatividade do nada. Com efeito, Dalila Pereira da Costa escreve: “Há um ser existindo em diferentes planos. E esta estrutura ontológica será a mais importante e preciosa apercepção do seu pensamento. E contendo em si o ponto mais alto a que ele visava: ver e aprender o Ser nos seus diferentes planos, ou estados. Toda sua obra implica e revela esta estrutura. Estrutura aberta, que permite, ou melhor, guia, obriga, a um movimento gnoseológico igualmente em aberto, não parando e não se limitando ao mundo sensível imediato.” COSTA, D. *O esoterismo de Fernando Pessoa*. Porto: Lello & Irmão editores, 1971. p. 9.

<sup>26</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.5.

<sup>27</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.190.

<sup>28</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.26.

dobra sobre si, conduzirá Fausto à consciência de que, no limite, o único conhecimento seguro possível é a consciência de que nenhum conhecimento seguro é possível.

No começo do primeiro ato, partindo da imagem poética das ondas, destinadas invariavelmente a morrerem na praia, ainda que em vão tenham seu volume crescente no alto mar, para metaforizar a improficuidade de suas pretensões e a inutilidade de suas possíveis lágrimas de decepção, desassossegado em seu laboratório, Fausto não só lamenta a derrocada de sua aspiração em compreender a vida, mas, também, sua inaptidão para vivê-la, manifestada por sua incapacidade de chorar: “Ondas de aspiração que vãs morreis/ Sem mesmo o coração e alma atingir/ Do vosso sentimento; ondas de pranto,/ Não vos posso chorar, e em mim subis,/ Maré imensa rumorosa e surda,/ Para morrer na praia do limite/ Que a vida impõe ao Ser”<sup>29</sup>.

Como as ondas, suas lágrimas são efêmeras e inúteis, assim é também sua vida que, mesmo prenhe de aspirações, há de se deparar com a morte. Prevendo esta improficuidade e investida de senso teleológico, a acuidade do pensamento de Fausto remove-o tanto de chorar como de viver. Com efeito, lemos:

Lágrimas, sinto em mim vosso amargor!/ Não vos quero chorar. Se vos chorasse/  
Como chegar – tantas! – ao vosso fim?/ Chegado ao vosso fim que encontraria?/  
Talvez uma aridez desesperada/ Uma ânsia vã de não poder trazer-vos/ Outra vez  
para mim para chorar-vos/ Em vã consolação inda outra vez!<sup>30</sup>

A finitude de nossas experiências e a ausência de um sentido sólido ou conclusivo se mostrarão como questões frequentes no decorrer desse drama, representando algumas das dimensões da derrota da inteligência ante a vida, que se nega a uma compreensão, cessando, por exemplo, inexplicavelmente pela morte.

Entretanto, não é porque o entendimento se mostra incapaz de compreender a vida que Fausto recusará a possibilidade de haver um sentido ou uma transcendência para a existência. Antes, a consciência desse desconhecimento o colocará em estado de dúvida e suspensão, fazendo-o simultaneamente considerar e desconsiderar diversas possibilidades: “Não haver alma, inda idéia vã!/ Havê-la e imortal, sonho pequeno/ De término [?], embora coerente/ À sua pequenez. Que mais? Havê-la,/ Havê-la e ser mortal, morrer num Todo/ Celeste? Vago, vão”<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.6.

<sup>30</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.6.

<sup>31</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.7.

Descontente com a dúvida ou com as possibilidades entre o ser e o não ser, o pensamento de nosso protagonista quer ir além, quer algo além das antinomias, do sim e do não, da certeza e da incerteza. Insatisfeito com a suspensão, ele se lança na imersão:

Ah, deve haver/ Além da vida e morte, ser, e não ser,/ Um Inominável  
supertranscendente/ Eterno Incógnito e incognoscível!/ Deus? Nojo. Céu, Inferno?  
Nojo, nojo./ P'ra quê pensar, se há-de parar aqui/ O curto vôo do entendimento?/  
Mais além! Pensamento, mais além!<sup>32</sup>

Sem que sua constituição derive apenas do entendimento, o pensamento de nosso protagonista é sobretudo um exercício de sucessivo aprofundamento. Sobre a experiência profunda de seu pensar, ele escreve: “Pensar fundo é sentir o desdobrar/ Do mistério, ver cada pensamento/ Resolver em milhões de incompreensões,/ Elementos (...)”<sup>33</sup>.

Segundo José Gil,

Ao ultrapassar sempre qualquer verdade aparentemente estável, o pensamento profundo dissolve o seu estatuto de fundamento: procedendo por negações que constituem outras tantas reduplicações do pensamento sobre si, ele procura o fundamento último, “o pensamento abrangedor de tudo” que proporcionaria a Fausto uma “compreensão única e funda”; mas só encontra a infinita inclusão dos pensamentos (e dos mundos). O pensar profundo, que Fausto opõe às “formas simples do pensar” atinge então o infinito actual; e no momento em que o atinge, ele escapa-lhe: é um mistério abissal.<sup>34</sup>

O início dessa experiência será marcado pelo deslocamento da relação dicotômica entre sujeito e objeto. Conquanto essas noções devam sua originalidade a uma construção do intelecto, como ele e ambas estão sob o signo da incompreensão de tudo aquilo que existe e do horror do mistério, a relação entre sujeito e objeto será como que diluída no vazio que a falta de sentido fundamental lhe impõe. “O mistério dos olhos e do olhar/ Do sujeito e do objeto, transparente/ Ao horror de que além dele está; o mundo/ Sentimento de se desconhecer,/ E a confrangida comoção que nasce/ De sentir a loucura do vazio;/ O horror duma existência incompreendida”<sup>35</sup>.

Com essa dissolução da relação dicotômica, através da incompreensibilidade originária de tudo, ao contrário de promover a aproximação entre esses termos, considerando, por exemplo, que haja uma ambiguidade entre sujeito e objeto (já que ambos compartilham um horizonte incognoscível), o que acompanharemos, no decorrer de *Fausto*:

<sup>32</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.7.

<sup>33</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.13.

<sup>34</sup> GIL, J. *O Espaço Interior*. p. 41.

<sup>35</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.7.

*Tragédia subjectiva*, será a cisão radical, culminando, quiçá, com a reformulação desses dois termos. O objeto, e mesmo a possibilidade de relação com outro sujeito, será tratado enquanto algo abissal, inacessível, a presença de um outro é considerada enquanto pura e profunda incompreensão. É nesse horizonte que Pessoa inicia a composição do fáustico Eu<sup>36</sup> abissal, componente ímpar de sua tragédia subjetiva.

### III

Ainda jovem, Fausto foi privado de viver com a ingenuidade, a leveza e o entusiasmo, tão característicos dessa fase da vida, pois experimentou o abismo, uma falta de sentido infinitamente progressiva como a “primeira visão interior/ Do mistério infinito, em que ruiu/ A [sua] vida juvenil numa/ hora!”<sup>37</sup>. Essa experiência abissal é marcada inicialmente pela substituição de sua visão, a contemplação ingênua que ele faz de uma paisagem, por uma espécie de pensamento que, sem conseguir chegar ao conhecimento seguro, se dobra e redobra indefinidamente sobre si, lançando-se cada vez mais fundo no mistério infinito de tudo: “No horizonte contemplando os campos,/ Vi de repente como que tudo/ Desaparecer, tomado (...)/ E um abismo invisível, uma cousa/ Nem parecida com a existência/ Ocupar não o espaço, mas o modo/ Com que eu pensava o visível”<sup>38</sup>.

Além de fazer a distinção entre a existência e essa forma abissal de pensar<sup>39</sup>, podemos acompanhar Pessoa constituindo o lugar desse pensamento, que não é espacial, mas uma disposição, um “modo” de compreendida incompreensão. Considerando a estrutura desse modo abissal de pensar, notamos que seu regime de funcionamento é caracterizado também pela insistente incidência do pensamento em compreender, até se deparar inevitavelmente com o incompreensível. A radical profundidade alcançada por ele deriva também desse jogo paradoxal; o pensamento é incapaz de deixar de querer compreender, porém, ao mesmo tempo, o conhecimento proveniente dessa compreensão acentua sua capacidade crítica, que desestabiliza a compreensão conquistada até então, ao

<sup>36</sup> Sobre esse eu, escreve Benedito Nunes: “Em vez do núcleo da identidade pessoal, daquele objeto da consciência de si, no qual assenta o Cogito cartesiano, depara-se-nos um Eu cindido em entidades provisórias, nenhuma das quais é real. Essa cisão, na intimidade da consciência, vem agravar aquela outra que se produziu entre consciência e mundo. A subjetividade transforma-se numa sucessão de reflexos. O ser mesmo da consciência, o Eu, refazendo-se de momento a momento, e sem forma definida, torna-se presença vaga e espectral. Há um hiato, um vazio, intercalável entre o Eu, a que falta identidade, e a consciência de existir, inerente ao indivíduo que perdura.” NUNES. *O dorso do tigre*. p. 218.

<sup>37</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.8.

<sup>38</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.8.

<sup>39</sup> Ao considerar o profundo pensamento que atravessa a obra de Pessoa, Eduardo Lourenço escreve: “Não é da relação da consciência ingênua do mundo que ele fala, mas desde a origem da impossibilidade dessa relação, quer dizer, da condição abissal do próprio acto de ser consciente.” LOURENÇO. *Fernando Pessoa, Rei de nossa Baviera*. Lisboa: Gradiva, 2008. p. 83.

revelar seus limites. Indefinidamente, como em um movimento de imersão em espiral, a compreensão leva à incompreensão, e esta instiga àquela. Nesse circuito constante, o pensamento é conduzido, inclusive, à própria incompreensão de seu impulso de compreensão.

À medida que o intelecto de Fausto for exacerbado pela imersão, maior será sua paralisia diante da vida, pois seu conhecimento acentuará sua consciência sobre a falta de um sentido essencial e sobre o mistério que a encerra. Tamanha será a proporção dessa paralisia e da dimensão dessa consciência, que nem mais a busca pelo conhecimento o satisfará ou, pelo menos, o distrairá. A falta de sentido incide também sobre a sua própria vontade de procurar algum entendimento:

Não leio já; queria abrir um livro/ E ver, de chofre, ali, a ciência toda.../ Queria ao menos poder crer que lendo,/ E em prolongadas horas lendo e lendo,/ No fim alguma coisa me ficava/ Do essencial do mundo, que eu subia/ Até ao menos cada vez mais perto/ Do mistério...<sup>40</sup>

Na ausência de um sentido unívoco para fundamentar e validar tudo, até aquilo que constitui sua subjetividade, a consciência de si enquanto sujeito de diversas vivências, perde o sentido. Despindo-se de todas as vivências de sentido incerto, ele se desconhece, transformando-se numa espécie de vácuo<sup>41</sup> que, paradoxalmente, tem como único resquício de presença a experiência negativa da consciência sobre a consciência: “Não leio. Horas intermináveis, perdido/ De tudo, salvo de uma dolorosa/ Consciência vazia de mim próprio”<sup>42</sup>.

Ocorre que a busca radical de nosso protagonista por um conhecimento seguro o leva a rejeitar toda experiência passível de dúvida, fazendo-o descartar tanto as experiências perceptíveis, que, por exemplo, podem ser ilusórias, como as experiências afetivas, que podem ser dúbias e efêmeras. Diante desta constatação, a única experiência confiável será a de seu próprio pensar, que independe da percepção ou de qualquer outro sentido contestável e ambíguo.

Eleito, doravante, como objeto de escrutínio para o intelecto, o pensamento em si, apartado das experiências alheias, se mostrará, todavia, oco. A possível segurança alçada

---

<sup>40</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.9.

<sup>41</sup> Conforme José Gil: “(...) a abertura do pensamento ao mistério coincide com o enquistamento do “eu”. Este é vazio e inconsistente (ontologicamente) mas cada vez mais “duro”, enquanto puro ponto de fuga de uma infundável subjectivação: não se define por nenhum conteúdo, por nenhuma realidade senão pelo acto incessantemente repetido de pensar e de negar toda e qualquer fixação do pensamento. O espaço da consciência e do pensamento alarga-se assim infinitamente e infinitamente se esvazia. O “eu” torna-se um buraco negro onde desaparece o mundo.” GIL, J. *O Espaço Interior*. p. 44.

<sup>42</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.9.

pelo e no pensamento demonstra-se também ilusória, visto como essa consciência<sup>43</sup> pura de si não produzirá nenhum entendimento além do vazio que a encerra.

Hoje nenhuma imagem, nenhum vulto/ Evoco em mim... Só um deserto aonde/ Não a cor de um areal, nem um ar morto/ Posso sonhar... Mas tendo só a idéia,/ Tendo da cor o pensamento apenas,/ Vazio, oco, sem calor nem frio,/ Sem posição, nem direcção (...)/ Só o vazio lugar do pensamento.<sup>44</sup>

Entretanto, por mais que se depare com esse vazio, o pensamento de nosso protagonista, ultrapassando a necessidade teleológica de sua função, não cessa, mesmo reconhecendo a inutilidade de seu exercício. “O constante persistir/ Do mistério minha alma não me deixa/ Quieto o espírito, por meditar/ Que seja, meditando sempre”<sup>45</sup>.

Abre-se, então, um abismo entre o seu ser, enquanto exercício do pensar, e o seu eu, como sujeito detentor desse pensamento. Uma vez que o eu, cindido do ser, é incapaz de dominar o próprio pensar, incontrolável, o pensamento mergulha no abismo aberto pelo encontro com o nada.

Assim como um... engenho/ Que, abandonado, em vão trabalha ainda,/ Sem nexo, sem propósito, eu môo/ E remôo a ilusão do pensamento.../ E hora a hora na minha estéril alma/ Mais fundo o abismo entre meu ser e mim/ Se abre, e nesse... abismo não há nada...<sup>46</sup>

Ciente de que nem a experiência mais segura foi capaz de revelar qualquer conhecimento definitivo para sua compreensão, Fausto abdica de pautar o seu pensar segundo a medida do entendimento, para ser, então, conduzido à experiência do Mistério.

Todo o mundo de seres e relações/ Aos meus olhos (...) se dissolve/ Em irrealidades e vazias/ Admirações de ser. Espanta-me/ De ver que há existência e existências./ E reflectindo perco-me em profundos/ Pensamentos, bases uns doutros ainda/ Mais profundos, até nada entender.<sup>47</sup>

Antes de ratificar ou fornecer entendimento, o mergulho no abismo implica desaprender, porque revela o fundo incognoscível, a falta de sentido fundamental de tudo e alimenta o desapego ao conhecimento racional e convencional. Por estar muito aquém de

<sup>43</sup> Conforme Leyla Perrone-Moisés: “a consciência é uma máquina infernal de produção do vácuo; a inteligência vai destruindo passo a passo o ser, abstratizando (esvaziando) seus objetos de análise.” PERRONE-MOISES, L. *Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p.72.

<sup>44</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.10.

<sup>45</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.8.

<sup>46</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.9.

<sup>47</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.56.

compreender o mistério, o entendimento racional<sup>48</sup> não ocupará nessa tragédia uma posição privilegiada.

Anunciando a fáustica iniciação no Mistério, entra em cena o “suspiro do Mundo”. A princípio seu discurso se detém sobre a inconsciência inerente àquilo que encobre a incognoscível existência, e assim nos permite vivê-la: “Vida, morte,/ Riso, pranto/ É o manto/ Que me cobre./ Natureza,/ Amor, beleza/ Tudo quanto/ A alma descobre”<sup>49</sup>. Considerando uma situação diversa dessa vivência ingênua, a sequência desse discurso do suspiro do Mundo revela aquilo que é possível alcançar através do consciente pensar fundo: “O Mistério/ Deste mundo/ Teu profundo/ Olhar leu;/ D’além dele -/ Cerra a alma/ De pavor! - / Venho eu. / Nada, nada/ Já acalma/ Tua dor./ Tu bem sabes/ Ser minha voz/ Mais atroz/ De mudo horror/ No que não diz”<sup>50</sup>.

A falta de qualquer sentido fundamental mostra-se como uma consequência da mudez do Mundo. Ao se silenciar sobre o porquê de sua existência, o Mundo impede o homem de compreendê-lo, ocultando-se no Mistério, pois o que nunca é revelado é incompreensível, é misterioso. O inefável, manifestado por essa alegoria, alude a mais um aspecto oculto do mistério: além de ser aquilo sobre o que o Mundo se cala, ele é também esse próprio silêncio.

Sem tratar o Mundo como mero objeto de especulação ou como um outro de contorno definido, porquanto o Mundo se apresenta justamente como aquele que é incompreendido, essa alegoria envolve também a descentralização da ação do sujeito, que não será o responsável por sua incompreensão: o poder de ser incompreendido não deriva da incapacidade do sujeito, mas, de certa forma, da escolha do Mundo em se calar sobre seu sentido. Enfim, não é o sujeito que não compreende o sentido do Mundo, é o Mundo que não apresenta o sentido de sua existência.

Outro aspecto relevante nessa alegoria diz respeito ao olhar, meio eleito para o encontro com o Mistério: “O Mistério/ Deste mundo/ Teu profundo/ Olhar leu”. A experiência de Fausto com o Mistério não será estabelecida pelo entendimento, mas sim pelo olhar da alma, conforme esse estudo pretende mostrar adiante, uma espécie de experiência sensível, estabelecida pela dimensão mais intuitiva do pensar.

---

<sup>48</sup> Dalila Pereira da Costa escreve: “Nem os sentidos nem as faculdades do intelecto puro, serão os únicos instrumentos ou os únicos caminhos para atingir o saber desejado. Outros a ele conduzem, não opostos mas ultrapassando-os.” COSTA, D. *O esoterismo de Fernando Pessoa*. Porto: Lello & Irmão editores, 1971. p. 10.

<sup>49</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.10.

<sup>50</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.10.

Acompanhando ainda o movimento desse primeiro ato, encontramos Fausto de “olhos fechados, encolhido na cadeira, treme[endo] como que de um grande frio”<sup>51</sup>, refletindo sobre o sumo mistério do universo. O seu pensar se empenha em abstrair não só o universo, mas também o próprio mistério: “O mistério supremo do Universo/ O único mistério, tudo e em tudo/ É haver um mistério do universo,/ É haver o universo, qualquer coisa,/ É haver haver”<sup>52</sup>. Esta forma de depuração dos fenômenos parece sagrar o “haver” como aquilo que há de mais elementar em tudo e todos. Afinal, quando reduzimos todo acidente, toda diferença, tudo aquilo que é variável e ambíguo nos fenômenos, detendo-nos apenas naquilo que atravessa tudo, nos deparamos com o fato de que tudo tem um haver, uma existência. Embora essa ênfase no haver pareça revelar e edificar algum conhecimento sobre o mistério, o sentido ou motivo da existência desse haver é misterioso. Trata-se de uma conclusão recursiva: o universo, o mistério, o mistério do universo, qualquer coisa e o próprio haver tem um haver, porém, esse haver não é capaz de revelar nada, já que a natureza de sua existência é um mistério. O sumo mistério do universo é o haver, mas todo haver é um mistério.

Logo, ao expor aquilo que aparece em todos os seres, aparentemente a redução de todos os fenômenos à experiência do haver tem um caráter positivo, todavia, aprofundando-se nessa experiência, nosso protagonista se envolve com uma negatividade ainda mais abrangente que a experiência do haver: a incompreensibilidade desse haver, o mistério que oculta a natureza de toda a existência. Essa negatividade, aliás, pode evidenciar o caráter primordial do mistério, porque ele precede o próprio haver, ao ocultar sua origem e natureza.

Paulo Borges escreve sobre o mistério enquanto esse impensável indeterminado que atravessa toda a existência: “o ser de todos os entes, incluindo de Deus, é apenas uma determinação – e, por isso, uma negação – do impensável que transcende o próprio “Único” e que, alheio à “Inteligência”, por e para ela é pensado como “Não-Ser”<sup>53</sup>.

O envolvimento com o mistério permeará de tal forma a experiência do pensar fundo, que este será capaz de transitar inclusive no abismo da incompreensibilidade. Sem descartar a contradição, o paradoxo ou ambiguidade, esse pensar pode incorporar mesmo aquilo que normalmente o paralisaria, a saber: o impensável. Deixando de lado as conclusões, a clareza lógica, o conhecimento objetivo, essa forma de pensamento profundo utiliza a incompreensão para projetar ainda mais fundo sua disposição apreensiva. À medida

<sup>51</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.11.

<sup>52</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.11.

<sup>53</sup> BORGES, P. *Além-Deus e além-ser: incriado e saudade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008. p.176.



que a compreensão é desestabilizada pela incompreensão, o pensamento tende a se lançar cada vez mais fundo, pois a insatisfação ou o desassossego, com a inconclusa e misteriosa abertura manifestada pelo incompreendido, provoca constantemente o exercício da compreensão.

A condição desse pensar está assentada no desassossego daquele que não se prende nem à afirmação dada pelo compreensível, nem à negação do incognoscível, transitando obliquamente através desses polos sem nunca encontrar um limite. Sempre em transição, tal pensamento nega para afirmar e afirma para negar. Permanecendo sempre inacabado, ele tende continuamente à abertura, ao abismo misterioso e ao desassossego, que, num movimento centrífugo, será exasperado por esse mesmo pensamento profundo, fruto do desassossego.

Detendo-nos na arquitetura do pensar fundo, podemos notar que ele apresenta várias dimensões. Destacam-se, entre elas, a do pensamento racional positivo, o entendimento, que encontra contentamento sobretudo no sentido sólido, na clareza, na compreensão coerente. Sua tendência, dessa forma, é conduzir a experiência ao arquitetá-la, depurando-a de suas arbitrariedades e fugacidades. Além do pensamento racional positivo, o pensar fundo é composto também por um tipo de pensamento intuitivamente sensível, frequentemente manifestado através dos “olhos d’alma”. Abstendo-se de arquitetar ou refletir sobre seu objeto, esse pensamento sensível é impressionado, sensibilizado por aquilo que experimenta; ele é conduzido e não é aquele que conduz. Como uma forma de experiência estético-intuitiva, é um pensamento que sente, sem necessariamente depender da clareza ou da coerência racional da experiência sentida. E, ainda, é possível detectar a manifestação de um pensamento crítico, que apresenta como caráter predominante a reflexão negativa. Através da crítica, esse pensar tem a tendência de desestabilizar, negar, duvidar de tudo, inclusive de sua própria incidência e juízo.

Enquanto no início do drama acompanhamos Fausto às voltas com o alcance e com os limites da dimensão mais racional de seu pensamento profundo, curiosamente, a experiência do mistério, que surge no horizonte da limitação de seu entendimento e no árido exercício de sua negação crítica, será vivenciada por ele através dos olhos d’alma, essa forma de sentir com o pensamento. Decerto essa experiência não é compreensível, tampouco racionalmente mensurável ou objeto de crítica, diante do mistério o pensamento ocupa um lugar passivo, ele é arrebatado: “O mistério de tudo/ Aproxima-se tanto do meu

ser,/ Chega aos meus olhos d'alma tão perto/ Que me dissolvo em trevas e imerso/ Em trevas me apavoro escuramente”<sup>54</sup>.

Longe também de ser deliberado, o pensamento sensível, envolvido nas experiências que abrem o abismo do mistério e permitem o aprofundamento do pensar, é intuitivo, ou seja, conduzido por uma experiência incontrolável de fundo indeterminado<sup>55</sup>.

Às vezes passam/ Em mim relâmpagos do pensamento/ Intuitivo e aprofundador/ Que angustiadamente me revelam/ Momentos dum mistério que apavora;/ (...) Não é apenas, ..., o pensamento/ Que assim me traz; é o pensamento fundo,/ A consciência funda e absoluta.<sup>56</sup>

A forma como essa relação com o mistério se realiza, mais próxima da sensibilidade intuitiva que da racionalidade, denota, também, mais uma derrota do intelecto diante da vida. Tanto que acompanhamos em nosso protagonista uma crescente sensação de horror<sup>57</sup> envolvida com essa vivência do mistério. O horror é uma forma de sentir, um resquício de vida que se sobrepõe à sua incapacidade de viver. Em seu próprio território, no horizonte do pensamento, o intelecto sofrerá derrota perante a vida.

Ainda que a experiência limite de Fausto seja marcada sobretudo pela vivência sensível e não racional, estamos diante de uma experiência do pensamento, mas não uma experiência intelectual, passiva de escrutínio, e sim uma experiência sensível do abstrato Mistério. No limite, considerando essa obra, não é possível classificar Pessoa como intelectualista ou racionalista. Razão e intelecto mostram-se mais como instrumentos, e menos como fundamentos para suas experimentações. Por não desprezar aquilo que é contraditório, Pessoa não compreende os domínios do pensamento apenas como um horizonte de elucubrações lógicas e abstratas, ou melhor, paradoxalmente<sup>58</sup>, ele é capaz de

<sup>54</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.11.

<sup>55</sup> Conforme Dalila Pereira da Costa: “O seu pensamento não emprega um só dos seus planos; o saber que procurava não era dos susceptíveis de ser apreendido pela simples razão, pois que ele residia para além dos limites do seu domínio e poder; o que ele recusaria à razão é o seu valor de instrumento de conhecimento na esfera a que visava e onde preferentemente se movia o seu pensamento. (...) O seu pensamento sendo poético, trabalha não por conceitos, não avança de forma discursiva, mas por intuições.” COSTA, D. *O esoterismo de Fernando Pessoa*. Porto: Lello & Irmão editores, 1971. p. 6.

<sup>56</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.51.

<sup>57</sup> Para José Gil a experiência de horror vivenciada por Fausto está intimamente ligada ao seu contato com o mistério: “Ora o horror não é apenas o resultado da visão do mistério; de certo modo, dá-se mesmo o inverso, pois só o horror permite a experiência enstática ou seja, a experiência vivida de um pensamento.” GIL, J. *O Espaço Interior*. p. 51.

<sup>58</sup> Adiante, Fausto inclusive se comparará, em certa medida, a Górgias, responsável por introduzir na Retórica a ideia do pensamento paradoxal: “Górgias, antigo Górgias, que dizias/ Que se alguém um dia compreendesse,/ Atingisse a verdade, não podia/ Comunicá-la aos outros – já entendo/ O teu profundo e certo pensamento/ Que ora não compreendia. Tenho em mim/ A verdade sentida e compreendida,/ Mas fechada em si mesma, que não posso/ Nem pensá-la. Senti-la ninguém pode”. PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.27.

experimental sensivelmente o abstrato, embaralhando completamente essas duas categorias.

Conforme o drama avança, notamos que os momentos de desespero de nosso protagonista são marcados sobretudo pela incidência do pensamento racional positivo, não tanto pela racionalidade em sua função crítico-negativa, mas pela razão quando conduzida pela vontade de entender e esclarecer. Sobrevém dessa função positiva do pensamento ser constantemente a primeira a colidir com seu próprio limite, forçando, desse modo, o exercício do pensamento crítico que, em uma reflexão sobre o próprio pensar, denuncia a ingenuidade, a limitação e a incongruência elementar do pensamento racional positivo. “A Consciência de existir, tormento/ Primeiro e último do raciocínio/ Que, porém, filho dela, a não atinge./ A Consciência de existir me esmaga/ Com todo o seu mistério e a sua força/ De compreendida incompreensão profunda,/ Irreparavelmente circunscrita”<sup>59</sup>.

Entretanto, nesse constante movimento da compreensão, que se vê às voltas inevitavelmente com o incompreensível, suscitando assim o pensamento crítico, que, por sua vez, colocará tudo em questão, promovendo uma suspensão do juízo, Fausto não se contentará nem com a dúvida, nem com o vazio desse pensamento negativo<sup>60</sup>. O seu desassossego original não lhe permite estagnar em uma negação estéril e a dúvida seria um passo ingênuo, uma forma de tirar alguma conclusão do incompreensível, como se da incapacidade de compreender concluíssemos que devemos então duvidar. A incompreensão não lhe desperta a dúvida definitiva, a incompreensão não é dúvida, a experiência de incompreensão é antes uma abertura para o incompreensível, um encontro com o Mistério:

E assim estou, pensando mais que todos,/ Braços cruzados (...) além da fé,/ E raciocínio, e assim sem alegria/ Nem dúvida, além delas, da tristeza/ De quem aqui chegou, tornado apenas./ Não tenho, não, já dúvida ou alegria/ Mas nem regresso mais a essa dúvida/ Nem a essa alegria regressa,/ Se possível me fosse; tenho o orgulho/ De ter chegado aqui onde ninguém/ Nem nas asas do doido pensamento/ Nem nas asas da louca fantasia/ Chegou.<sup>61</sup>

Sem que a ataraxia o seduza, o desassossego de nosso protagonista o impulsiona a ir além.

---

<sup>59</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.52.

<sup>60</sup> De acordo com José Gil: “O pensamento profundo é o que se aprofunda infinitamente ao exercer-se, de tal modo que descobre a possibilidade ilimitada de se transcender a si próprio e, assim, de transcender o que pensa. À medida que o pensamento se aprofunda, ele abre-se para (e abre) um fundo que nunca atinge. Mas, ao mesmo tempo – e aqui se situa a originalidade de Pessoa relativamente ao agnosticismo – ele sabe que existe qualquer coisa.” GIL, J. *O Espaço Interior*. p. 40.

<sup>61</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjetiva*. p.21

Quando se chocar com o limite radical do pensamento racional positivo e com a aridez do pensamento crítico negativo, agindo obliquamente à afirmação e à negação, seu pensar fundo passará a operar em um tipo de regime intuitivo. Sensível à experiência limite provocada também pelo exercício desses outros dois tipos de pensamento, através de seu pensar profundo Fausto é tomado pela experiência do incompreensível. Ele se depara com o Mistério.

A insatisfação do desassossego desvela a impossibilidade de pensar um fundamento último da existência, porque quando se julga chegar a um último termo, ele faz-nos descobrir um outro, mais longe, e tão pensável e, portanto, tão justificável como o primeiro. Nem Deus, nem os deuses, nem ser nem o não-ser, nem a existência, nem a morte são pontos de apoio últimos do espírito que, animado pelo movimento da vida, do desassossego, faz rebentar todas as categorias. O desassossego abre para o “Mistério”, mistério da vida, incompreensível, impensável, apenas exprimível pela arte.<sup>62</sup>

#### IV

Se por um lado o primordial e incognoscível Mistério, que tudo abrange, impossibilita o fundamento e a manutenção de qualquer verdade absoluta ou estanque, por outro, a abertura suscitada por essa ausência de restrições e parâmetros privilegia a liberdade do poder criativo. Uma força que ultrapassa tanto a dúvida quanto a necessidade de compreensão. Ato suficiente em si, independente de aval exterior para sustentar ou validar sua experiência, a criação é como um fato que se impõe, mesmo que por um efêmero momento, ao inexorável encontro da existência com sua finitude, o desconhecido mistério da morte.

A experiência crucial expressa em *Fausto* se refere ao fundo negativo, incompreensível, ao Mistério, que parece permear toda obra de Pessoa<sup>63</sup>. Assim como é possível constatar a voz dos principais heterônimos e de Pessoa ortônimo no decorrer de *Fausto, tragédia subjetiva*, é possível também encontrar em todos eles a presença do Mistério. Cada um manterá uma relação particular com o Mistério, que ecoará também em

<sup>62</sup> GIL, J. *O Espaço Interior*. p.29.

<sup>63</sup> Não é difícil encontrar indícios de uma relação quicá fáustica de Pessoa com o mistério, em seus escritos identificados como autobiográficos lemos, por exemplo, a seguinte constatação: “Nunca na vida de nenhum outro homem penetrou tanto o mistério do mundo. Tão familiarmente, poderia eu dizer. O mistério do mundo preenche não só meu pensamento, mas também minha sensibilidade. (...) Tudo é mistério e tudo é significado. Todas as coisas são “desconhecidos” simbólicos do Desconhecido. O resultado é horror, mistério, um medo demasiado inteligente.” PESSOA. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. p. 99. José Gil afirma inclusive que Pessoa viveu a tragédia de Fausto. “Para mim, não tenho dúvidas que Fernando Pessoa a viveu.” GIL, J. *O Espaço Interior*. p. 56.

suas obras e vivências. É possível dizer ainda que a forma de lidar com o mistério está atrelada à criação da heteronímia. Nas palavras de José Gil:

O mistério é a fonte essencial da poesia pessoana, e a sua incognoscibilidade, a instabilidade e insegurança fundamental que traz toda a crença estável é o que vai suscitar o desassossego e, daí, tornar possível a heteronímia. Portanto Fausto não é propriamente um buraco negro, é um buraco paradoxal que, ao absorver os heterônimos, os torna possíveis.<sup>64</sup>

Possivelmente as experiências de despersonalização, alargamento da subjetividade, a abertura de horizonte fomentada pelo Mistério, que enfatiza o teor criativo e fictício da realidade compartilhada pelos homens, o desassossego de não ter um limite fixo e de não ser capaz de se assumir definitivamente nenhum parâmetro, fazem parte da criação e da manutenção do fenômeno heteronímico.

Em uma existência como a de Fausto, impingida pelo apetite especulativo-racional, essa experiência é desesperadora, paralisante. Em uma existência marcada pela conduta poética, essa experiência pode ser mística, simbólica, estética, mas também desesperadora, como para Pessoa ortônimo, que sempre andou às voltas com a racionalidade e com a filosofia. Esse desespero pode, contudo, ganhar uma dimensão poética e criativa para além da especulativa. “A negatividade em Pessoa não é uma negação, mas uma força produzindo mitos, que iludem o nada e o transforma em tudo”<sup>65</sup>.

## **V**

Sabemos da inclinação filosófica de Pessoa, bem como sabemos de sua preferência pela poesia, afinal como ele mesmo outrora declarou: “eu era um poeta inspirado pela filosofia, não um filósofo com faculdades poéticas”<sup>66</sup>. Com efeito, acompanhamos em *Fausto* a busca por um fundamento ser constantemente frustrada pela falta de sentido fundamental da vida, quiçá uma alegoria da eterna insatisfação da filosofia, e da força da arte, indiferente (pelo menos em sua natureza) à questão racional de um sentido fundamental.

Talvez o drama vivido por Fausto tenha marcado também a preferência de Pessoa pela poesia enquanto criação em detrimento de um tipo de filosofia como pura especulação. Pelo sim ou pelo não, fato é que esse é um dos percursos de *Fausto*, *tragédia subjectiva*, à medida que tal escrito “representa a luta entre a Inteligência e a Vida em que a inteligência é

<sup>64</sup> GIL, J. *O Espaço Interior*. p. 55.

<sup>65</sup> PERRONE-MOISES, L. *Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p.4.

<sup>66</sup> PESSOA. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. p.19.

sempre vencida. A Inteligência é representada por Fausto, e a Vida diversamente, segundo as circunstâncias acidentais do drama”<sup>67</sup>. Contudo, como nada é assim tão obvio em se tratando de Fernando Pessoa, não são apenas a força da criação e a limitação do pensamento intelectual que se manifestam como saldo dessa aventura. Por mais que a ideia de criação surja como uma espécie de salvação diante da falta de sentido do mundo, nosso poeta não descarta tão facilmente a força do intelecto.

Assim, acompanhamos Pessoa construindo senão uma experiência poética sem precedentes, ao menos uma forma de pensar bastante original, visto como é capaz de transformar o próprio pensamento filosófico em objeto de arte ao mesmo tempo em que transforma a arte em uma experiência de reflexão filosófica. Ao ofuscar a linha que separa a filosofia da poesia, de um lado o poeta português pôde abandonar as preocupações com aspectos formais da filosofia (como a coerência lógica, o rigor, a clareza, enfim, modos de incorporar a reflexão), e de outro lado, conservando o essencial da atividade filosófica, foi capaz de transformar sua reflexão em poesia, bem como poesia em reflexão.

Se é verdade que *Fausto, tragédia subjectiva* marca a escolha de Pessoa pela criação através da poesia, é verdade também que nem por isso ele abandonou a filosofia, tal é a experiência implicada em vários de seus escritos: a criação poética como um lugar para a experimentação filosófica.

---

<sup>67</sup> PESSOA. *Fausto, tragédia subjectiva*. p.190.

### Referências Bibliográficas

- BORGES, P. *Além-Deus e além-ser: incriado e saudade em Fernando Pessoa* in “Arte, Metafísica e Mitologia”, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.
- COELHO, J. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. São Paulo: Verbo – Eedusp, 1977.
- COSTA, D. *O esoterismo de Fernando Pessoa*. Porto: Lello & Irmão editores, 1971.
- GIL, J. *O Espaço Interior*. Lisboa: Editora Presença, 1994.
- GOETHE. *Fausto – Uma Tragédia*, primeira parte. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Fausto – Uma Tragédia*, segunda parte. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34, 2008.
- JAKOBSON, R. *Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa*. in Jakobson et al. “Textos selecionados - Os Pensadores” 2. ed. trad. de J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- LOURENÇO, E. *Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Gradiva, 2008.
- NUNES, B. *O dorso do tigre*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PESSOA, F. *Barão de Teive – a educação do estóico*. São Paulo: A Girafa editora, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Da República 1910 – 1935*. Lisboa: Ática, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. São Paulo: A Girafa, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Fausto – Tragédia Subjetiva*. Org. Teresa Sobral Cunha. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Textos Filosóficos* vol. I, org. e trad. Atónio Pina Coelho. Lisboa: Editora Nova Ática, 2006.
- PIZARRO, J. e FERRARI, P. “Apresentação” In: *136 Pessoas de Pessoa*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2017.

Recebido em 01.08.2019.

Aceito para publicação em 01.11.2019.

© 2019 Gisele Batista Cândido.

Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ([http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR))